

PESSOA, Fernando. *Teoria da heteronímia.*
Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith.
Lisboa: Assírio & Alvim, 2012. 384 p.

Arturo Diaz

Centro de Estudos Filosófico-Humanísticos da Faculdade de Filosofia de Braga, Portugal
arturodiaz@live.com.pt

Recebido em 4 de janeiro de 2015

Aprovado em 26 de março de 2015

O meu intelecto atingiu uma plasticidade e um alcance tais que me permitem assumir qualquer emoção que deseje e entrar à vontade em qualquer estado de espírito.

Fernando Pessoa. *Teoria da heteronímia*, “Apontamentos pessoais”.

A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente.

Bernardo Soares. *Livro do desassossego*

É uma sensação abstracta/ Da vida concreta.

Álvaro de Campos

Este é um livro recente, editado por dois pessoanos, sobejamente conhecidos pelos seus estudos críticos consagrados à obra pessoana, assim como pela sua difusão além fronteiras. A eles muito devem os interessados, os estudiosos hermeneutas e os apaixonados deleuzianos pela obra e pela vida do autor das *Ficções do interlúdio*.

O título *Teoria da heteronímia*, na sua ambiguidade constitutiva, parece indiciar que estamos perante uma colectânea de ensaios críticos sobre o problema axial da obra pessoana, a heteronímia. No entanto, esta *Teoria da heteronímia* tem uma outra assinatura inconfundível, a de Fernando Pessoa e da sua constelação heteronímica. Nesta *Teoria da heteronímia*, a função de Pessoa não passa propriamente pela explicação e pela mediação hermenêutica do fenómeno da pluralidade ontológica, mas por elevar ao nível das ideias problemáticas o processo heteronímico. Diz, a este propósito, Fernando Pessoa:

Tendo-me habituado a não ter crenças nem opiniões, não fosse o meu sentimento estético enfraquecer, em breve acabei por não ter qualquer personalidade, excepto uma personalidade expressiva, transformei-me numa mera máquina apta a exprimir estados de espírito, que se tornaram tão intensos que se converteram em personalidades, e que fizeram da minha própria alma a mera concha da sua aparência casual [...]¹

Nesse processo de heteronimização, a despersonalização ou dissolução da subjectividade identitária é a condição de possibilidade do investimento de forças dessa plural subjectividade corpórea que configura todo o *drama em gente sem actos* pessoano. O que fica e regressa, nesse processo de diferenciação interna, é a tal personalidade expressiva plural, ou a singularidade virtual composta de singularidades, que são os heterónimos.

Deste modo, cada heterónimo resulta de uma reduplicação da consciência, isto é, de uma consciência da consciência que, através da análise intelectual, decompõe a Sensação metafísica do mistério de existir numa miríade de sensações heterogéneas: o cansaço, o tédio e o desassossego ativo e criador de novas possibilidades de vida. Antes, porém, importa acentuar que, do ponto de vista ontológico, o que é primeiro é a Diferença interna, ou seja, a pura intensidade diferenciante, nela mesma. Por outras palavras, isso implica que a sensação seja a matriz do processo de heteronimização e a faculdade da sensibilidade transcendental esteja na origem das multiplicidades virtuais, que são os heterónimos.

¹ PESSOA, 2012, p. 183-184.

Num *Prefácio geral*, datado de 1920, Pessoa exprime com lucidez a sua situação *clínica*, esses riscos reais da aventura involuntária na demanda do *novo*, mas sobretudo a sua fidelidade radical a essa multiplicidade genética, composta por *afectos e perceptos*: “Que esta qualidade no escritor seja uma forma de histeria, ou da chamada dissociação da personalidade, o autor destes livros nem o contesta, nem o apoia. De nada lhe serviriam, escravo como é da multiplicidade de si próprio, que concordasse com esta, ou com aquela teoria, sobre os resultados escritos dessa multiplicidade”.²

Esta *Teoria da heteronímia* insere-se, por conseguinte, na aventura problemática das ideias singulares que fazem pensar. Por isso, a estrutura deste livro, descrita no seu *Sumário*, aparece distribuída em quatro secções angulares: as *Ideias, Histórias, Poemas e Projectos*. Antes, porém, somos confrontados com um prefácio luminoso e fecundo de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, que introduz, de modo *pedagógico*, o leitor no cerne desta problemática. Inicia com a *Ideia de heteronímia*, explicita outra ideia como a d’*O espaço interior*,³ pensada de modo inaugural pelo filósofo José Gil, ancorado na ontologia deleuziana da diferença, e distingue o estatuto ficcional de heterónimo do ortónimo; a personalidade da personagem, para desaguar no efeito heterónimo e na teoria dramática. A conclusão incide n’*A poética dos retratos de grupo*.

De facto, os editores deste livro iniciam o prefácio com a intuição certa ao afirmarem que “A questão da heteronímia é a mais importante de todas que a arte de Pessoa põe em jogo, aquela que sobredetermina tudo o que escreve, em todas as circunstâncias e a todos os títulos, e isso desde o começo do seu interesse pela literatura.”⁴ Neste sentido, mesmo os hermenutas e os críticos deleuzianos mais enraizados nesse convívio com a obra pessoana, após uma leitura paciente e crítica deste livro, ficam com a sensação de que a compreensão interna deste problema angular da heteronímia, qual foco irradiador, ilumina todas as restantes problemáticas, encruzilhadas e labirintos, que a lógica do paradoxo instaura, nesse *drama em gente*.

De entre as possíveis problemáticas iluminadas pelo adentramento no problema da heteronímia, destacamos a da coexistência de modos

² PESSOA, 2012, p. 215.

³ José Gil. *O espaço interior*. Lisboa: Presença, 1994.

⁴ PESSOA, 2012, p. 11.

de expressão no mesmo poema, na mesma obra ou heterónimo. Esta coexistência virtual dos modos de escrita, das formas de vida (os *embriões* heteronímicos) e das mundividências plurais, patente, sobretudo, no *Livro do desassossego*, implica, justamente, o traçado do plano de consistência de sensações heterogêneas e de séries divergentes de sentido. Tal consistência do heterogêneo intensivo é agenciada no *espaço interior* desse corpo empírico-transcendental. Trata-se de um espaço virtual e estesiológico, de engendramento das *visões* singulares e dos afectos ou devires incorporais.

Não obstante as vertentes dominantes da crítica privilegiarem e acentuarem essa vertente intelectual do laboratório mental das sensações, uma leitura mais acutilante destes escritos pessoanos não pode deixar de realçar toda a dimensão e investimento da subjectividade corpórea de Fernando Pessoa, toda ela assumida e transformada em *numen*, isto é, pensamento e criação no regime das multiplicidades, nesse campo transcendental da gênese de unidades de espaço e tempo.

Ora, quando Fernando Pessoa e mesmo Bernardo Soares escrevem sobre fases de *intensa e veloz ideação criativa* e falam na *plasticidade do intelecto*, nos *processos mentais superiores*, na *máquina do devaneio* e nessa *unidade de sensação*, podemos pensar que o que está em jogo, como expressão de um desejo imanente, é o agenciamento de um *corpo-sem-órgãos*, isto é, de um *dehors*, que é o plano de consistência de todas as multiplicidades, as *visões* e os afectos ou devires.

O próprio Fernando Pessoa-Bernardo Soares insiste nesse processo de despersonalização como condição do traçado de um plano de consistência virtual, nesse centro da alma dos místicos, que é o *espaço interior* do corpo-sem-órgãos, onde circulam as sensações heterogêneas e as multiplicidades: “É esta a minha moral, ou a minha metafísica, ou eu: Transeunte de tudo – até da minha própria alma -, não pertença a nada, não desejo nada, não sou nada – centro abstracto de sensações impessoais, espelho caído sentiente virado para a variedade do mundo. Com isto, não sei se sou feliz ou infeliz; nem me importa.”⁵

⁵ SOARES, 1998, p. 214.

O corpo-sem-órgãos de Fernando Pessoa-Bernardo Soares tem como propriedades a sua plasticidade, fluidez e intensidade diferencial sustentada pela metafísica sensacionista: a sensação é a *Vida* e a sensibilidade transcendental a fonte da criação. Na superfície metafísica desse corpo virtual, no pensamento e na sensibilidade imaginante, circulam as forças e as intensidades abstractas, todo um bloco de sensações ou fluxos de expressão, tão recorrentes nas *Odes* de Álvaro de Campos, nos devires paisagem-mundo de Bernardo Soares e em quase toda a poesia *anti-metafísica* de Caeiro, o *Argonauta das sensações verdadeiras e descobridor da Natureza*.